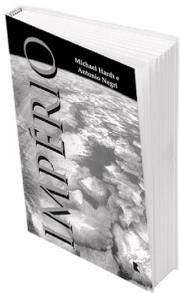


IMPÉRIO

Por **Peter Pál Pelbart**

Doutor em Filosofia e Professor no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.

E-mail: ppelbart@uol.com.br



IMPÉRIO (trad. Berilo Vargas)

De Toni Negri e Michael Hardt

Rio de Janeiro : Record, 2001.

A nova ordem imperial e seu avesso

A impressão que se tem ao ler *Império*, escrito a quatro mãos pelo pensador e militante italiano Toni Negri juntamente ao jovem filósofo norte-americano Michael Hardt, é a de ter em mãos, finalmente, um claro mapa do mundo contemporâneo. A excitação intelectual que toma o leitor ao embrenhar-se em suas 500 páginas vem do fato de que os autores tiveram a coragem de pensar o contexto atual em sua abrangência maior, planetária, com um fôlego que não se via há tempos: leitura ao mesmo tempo histórica e filosófica, cultural e econômica, política e antropológica. A partir dela, aparecem os novos processos de dominação e assujeitamen-

to que se instalaram nas últimas décadas, bem como as novas possibilidades de reversão. Não faria sentido resumir em poucas frases o rico enquadre teórico proposto pelos autores, inspirados em um arco conceitual que vai de Maquiavel a Foucault, de Espinosa e Marx a Deleuze-Guattari, e no prolongamento de uma obra anterior de Negri, intitulada *O poder constituinte* (que acaba de sair agora, pela D&PA, em excelente tradução brasileira). Melhor seria escolher três linhas de força que atravessam o pensamento dos autores, para dar uma pequena idéia do vigor e relevância de sua empreitada teórica.

O Império

O Império não é uma entidade

política ou nacional localizada, é antes uma lógica presente por toda parte, uma estrutura de poder que se generalizou, uma nova forma de soberania correspondente à fase atual do capitalismo mundial integrado. O Império é sem limites nem fronteiras: engloba a totalidade do espaço do mundo, apresenta-se como ordem a-histórica, eterna, definitiva, e penetra na vida das populações, não só nas interações, mas no corpo, na mente, na inteligência, na afetividade. Jamais uma ordem política avançou a tal ponto em todas as dimensões, recobrando a totalidade da existência, o espaço, o tempo, a subjetividade, a vida. No entanto, e é esse um dos pontos fortes do livro, esse poder já não se exerce ver-

ticamente, desde cima, de maneira transcendente. Que o poder está por toda parte, que não seja localizado ou centralizado, que não pareça acima da sociedade, significa apenas que sua lógica se modificou: ele se exerce agora de maneira mais imanente. A soberania tornou-se imanente ao capital – é a subsunção real da sociedade mundial ao capital. É o que os autores chamam, prolongando uma intuição de Foucault e de Deleuze, de passagem da “sociedade disciplinar” para a “sociedade de controle”. Uma sociedade disciplinar funciona através de dispositivos disciplinares e mecanismos de inclusão e exclusão tais como a prisão, a escola, o manicômio, o hospital, a universidade, etc. Ora, sabe-se que tais instituições entraram em colapso, porém sua lógica foi disseminada. Uma sociedade de controle pode prescindir dessas instituições disciplinadoras (por isso parece muito mais democrática, flexível, aberta), pois seus mecanismos, mais difusos, ondulantes, “imanescentes”, incidem mais diretamente sobre os corpos e as mentes dos cidadãos, seja através de sistemas de comunicação, redes de informação, atividades de enquadramento etc. Esses mecanismos são interiorizados, e reativados pelos próprios sujeitos, no que os autores chamam de um estado de alienação autônoma.

Através de redes flexíveis, moduláveis e flutuantes, o poder muda a sua cara, mas também sua extensão, seu alcance, sua penetração. Ele torna-se uma função integradora da vida da população. Foucault chamava a atenção para o surgimento de uma modalidade de poder que toma por objeto a vida da população, e que ele denominou biopoder. Os autores seguem essa trilha e a aprofundam, assinalando o quanto agora o poder se encarrega da pro-

dução e da reprodução da própria vida, penetrando corpos e consciências, organizando a totalidade de suas atividades. É a dimensão biopolítica da sociedade de controle. Quando o poder se torna inteiramente biopolítico, o conjunto do corpo social é abraçado pela máquina do poder, integrando suas múltiplas dimensões e atingindo o próprio *bios* social.

A multidão

Poderia parecer, pela breve descrição de algumas características evocadas até aqui, que a totalização produzida pelo poder imperial esvaziou o campo da conflitualidade política. Ora, é aí que intervém uma das linhas mais instigantes desse trabalho, ao conduzir a análise para o nível do corpo biopolítico coletivo, de sua produtividade própria e do espaço de comunalidade que ele cria. Basta tomar a reconfiguração do trabalho, e a tendência crescente do trabalho imaterial (informação, ciência, comunicação, serviços, cuidado etc) de constituir rede, de dar-se por associação, de instaurar cooperação e espaços comuns de comunicação. Mais e mais o trabalho aparece como atividade produtiva da multidão (e não do capital), de sua inteligência, conhecimento, paixão, afetividade, criatividade, em suma, de sua vitalidade. Ele produz uma comunalidade expansiva, corresponde a um poder de autovalorização, é poder de agir, poder constituinte. É a multidão, e não o Império, que cria, gera e produz novas fontes de energia e de valor. O poder do Império é apenas organizativo, não constituinte, ele parasita e vampiriza a riqueza virtual da multidão, é o seu resíduo negativo. “O próprio Império não é uma realidade positiva”, dizem os autores, em uma inversão teórica que abre uma poderosa linha de es-

cape para pensar a resistência.

É como se os autores dissessem: a lógica imperial do pós-moderno removeu os últimos obstáculos para a subsunção real e total da sociedade ao capital (Estados-nação, público/privado, sociedade civil, instituições com função de mediação etc), vampirizando como nunca o *bios* social. Mas com isto, ao mesmo tempo, pôs a nu as sinergias da vida, os poderes virtuais da multidão, o poder ontológico da atividade de seus corpos e mentes, a força coletiva do desejo.

Resistência

A pergunta que fica é como esses elementos de virtualidade que constituem a multidão podem atingir um limiar de realização conforme a seu poder, driblando as estratégias imperiais que se esforçam em neutralizar a potência subjetiva e explosiva da multidão, alienando-a de sua produtividade. O único ponto de partida possível é o espaço biopolítico (e não público) da multidão, considerado do ponto de vista do desejo, da produção, do coletivo humano em ação – da geração. Como dizem os autores: “*nós* somos os senhores do mundo porque *nosso* desejo e *nosso* trabalho regeneram-no continuamente”. É a multidão contra o Império, sua força irreprimível de criação de valor, seu trabalho imanente, suas modalidades de cooperação, de comunidade, mas também de êxodo, de escape, de nomadismo.

O leitor termina o livro com vislumbres vertiginosos, mas sem palavras de ordem nem propostas concretas. Ao recensar as formas de resistência atuais, desde certos modos de deserção e defecção, de evacuação dos lugares de poder, até a explosão de revoltas virulentas, ora incomunicáveis entre si, ora “globalizadas”, os

autores insistem em que se trata de lutas a um só tempo econômicas, políticas, culturais, “biopolíticas” – pois são lutas que têm por objeto a forma de vida. No entanto, apesar de sua intensidade, e por mais que criem novos espaços e novas formas de comunidade, ainda parecem obsoletas. É que uma exigência maior impõe-se a cada dia: a de ir além da recusa, transpôr o Império para “sair do outro lado”. Trata-se de construir, no não-lugar que as desconstruções das últimas décadas deixaram, um lugar novo. A partir da sinergia da multi-

dão, tecer ontologicamente novas determinações do humano, de vida.

Daí a nova imagem do militante na era pós-moderna, diante da dissolução da figura do povo. O militante não “representa” ninguém, e ao lado dos que se revoltam contra o reino do capital, ele resiste de maneira criativa, investindo dispositivos cooperativos de produção e de comunidade a partir de dentro do Império (não há como colocar-se “fora” dele). Ao retomar as virtudes da ação insurrecional de dois séculos de experiência subversiva, con-

cluem os autores, o militante atual é chamado a ir além, e a participar vitalmente na cooperação produtiva da intelectualidade de massa e das redes afetivas. “Esse militantismo faz da resistência um contra-poder e da rebelião um projeto de amor”. A utopia que se entrevê nesse tom a um só tempo cáustico e terno não configura um contorno geométrico acabado com cores de um outro mundo, mas apenas prolonga as linhas de força já presentes neste mundo, em um *telos* coletivo e experimental da multidão.

Invista em você!

Assine a RAE-executivo.

A RAE-executivo é a nova publicação de negócios da FGV-EAESP.

A mais nova
fonte de
conhecimento
para os executivos
que buscam
atualização
com qualidade.



Voltada para a prática
administrativa
de alto nível,
com colunas,
casos brasileiros,
entrevistas, artigos
e muito mais!

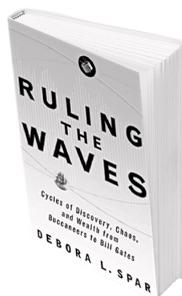
Informe-se sobre as condições de assinatura!

Central de Atendimento:
0800-16-2311
(11) 3281-7999 / 7778
www.rae.com.br

RULING THE WAVES: CYCLES OF DISCOVERY, CHAOS, AND WEALTH FROM THE COMPASS TO THE INTERNET

Por **Gilmar Masiero**

Professor da Universidade Estadual de Maringá - PR.



RULING THE WAVES

De Deborah L. Spar

New York, San Diego, and London : Harcourt, 2001. 403 p.

Em *Ruling the waves: cycles of discovery, chaos, and wealth from compass to the Internet*, Deborah L. Spar analisa a evolução das inovações científicas do início do século XV até nossos dias. Baseado em estudos de caso, o livro mostra que empreendedores de visão que comercializaram invenções no mercado mundial foram a principal fonte de difusão tecnológica e continuada inovação. No início do século XV, o desenvolvimento de tecnologias como o astrolábio e o compasso foram cruciais nas descobertas realizadas pelos exploradores espanhóis e portugueses. Spar argumenta que os empreendedores exerceram o mesmo papel no desenvolvimento de outras importantes tecnologias, como o rádio na metade do século XIX e,

posteriormente, a televisão por satélite, a indústria de *software*, a Internet e a música digitalizada.

O primeiro objetivo do livro, segundo a autora, é simplesmente contar histórias sobre a fronteira tecnológica – narrativas que são fascinantes por si mesmas e pouco conhecidas fora do mundo acadêmico. O segundo objetivo é utilizar essas histórias para unir os atuais desenvolvimentos tecnológicos – os da fronteira do conhecimento – com suas raízes históricas. O terceiro objetivo é examinar o papel e as regras da inovação tecnológica ao longo da história.

Em termos de mercado, a forma como as regras são estabelecidas na fronteira tecnológica e quem desempenha o papel principal em sua criação

são frequentemente mais importantes do que a superioridade da tecnologia por si mesma. Em essência, *Ruling the waves* é um livro sobre como os mercados são estabelecidos e como homens de negócios e governos, por meio de esforços cooperativos, muitas vezes moldam sua criação.

Como cientista política especializada em negócios internacionais e professora da Harvard Business School, Spar tem as credenciais necessárias para analisar essa área. Anteriormente, havia escrito estudos de caso e livros examinando temas como: a fronteira tecnológica; os aspectos econômicos e sociais das inovações tecnológicas; a tecnologia de informação; e a Internet, a tecnologia e o Estado. Seu último livro –

Attracting high technology investment: Intel's Costa Rican Plant –, publicado em 1998, é de particular interesse. Entre outras obras encontram-se: *The comparative edge: the internal politics of international cartels* (1994) e *Beyond globalism: remaking american foreign economic policy* (1988), este último escrito com Raymond Vernon (1913-1999).

No prólogo de *Ruling the waves*, Spar delinea o padrão ou fase dominante comum de cada estudo de caso apresentado – inovação, comercialização, anarquia criativa e regras, cada uma delas com seu próprio ritmo e velocidade. Os principais atores das histórias são os “pioneiros”, os “piratas” e os “profetas”. Os casos dos “gurus” tecnológicos como Marconi, Sarnoff, Murdoch e Gates ilustram o fato de ser a criação de mercados, e não o desenvolvimento de novos produtos ou invenção de novas tecnologias, a chave do sucesso. O mais importante é a estratégia empregada pelos empreendedores tecnológicos para criar mercados – manipular e controlar o processo de regulamentação que substitui velhos padrões e regras por novos que, por sua vez, favoreçam suas tecnologias.

Spar é persuasiva. Segundo ela, o sucesso de impérios tecnológicos está baseado na habilidade de impor não só seu direito de propriedade, mas também de fazer valerem os padrões que regulam as novas tecnologias ou novos mercados. O que não está claro, porém, é se o estabelecimento de regras e padrões cruciais para o sucesso das empresas na fronteira da tecnologia de informação também o é para outras indústrias. Normalmente, as empresas são capazes de adaptar seus produtos para distintos padrões e regras, realizando pequenas modificações. A adoção do sistema métrico, por exemplo, parece ter pouco impacto no domínio do mercado. Regula-

ções em países como Inglaterra, Japão e Austrália, onde os automóveis possuem a direção no lado direito (em vez do lado esquerdo como é comum nas Américas e em quase toda Europa), não impediram o surgimento de impérios tecnológicos na indústria automotiva.

No primeiro capítulo, “The first wave”, Spar descreve como os três séculos de desenvolvimento euro-americano foram impulsionados pelos descobrimentos da tecnologia de navegação, pelas crenças e desejos de pioneiros e pelos piratas. A autora salienta o papel e o comportamento dos pioneiros, que percebiam oportunidades e adaptavam-se por meio da experimentação. Nos sete seguintes capítulos do livro, Spar concentra-se na indústria da comunicação. O surgimento e a queda dos monopólios telegráficos no século XIX é discutido, considerando os primeiros esforços de Samuel Morse na comercialização de sua invenção – o telégrafo – além das fronteiras de seu laboratório.

A indústria da comunicação exhibe os clássicos atributos da fronteira tecnológica: a fase de inovação, com inventores como Morse e outros, e a fase da comercialização, com uma nova casta de pioneiros como Cooke, O’Rielly e Field, também responsáveis pela fase do caos. Eles construíram muitas linhas e códigos diferentes e incompatíveis que originaram problemas de coordenação extremamente difíceis. Para resolver esse caos e assegurar o sucesso de suas indústrias, os pioneiros foram obrigados a criar regras de acesso – normas, padrões, códigos e preços. Assim, o aparato governamental não desenvolve seu papel crítico de regulador nas primeiras fases, mas somente nas últimas duas.

Apesar da importância que Spar dá ao estabelecimento de regras, as interações entre empresas e governos, entretanto, não são analisadas tão

detalhadamente quanto poderiam. Como regras e padrões são estabelecidos por governos nacionais ou por meio de acordos internacionais, o comportamento governamental pode ser tão central quanto o das empresas na determinação do aparecimento e expansão de dada tecnologia. Por exemplo, os governos europeus foram mais intervencionistas na regulação de empresas e mercados que os governos dos Estados Unidos. Infelizmente, *Ruling the waves* não dá indicações de como essas diferenças podem ser explicadas. Os argumentos de Spar sobre o ambiente regulatório certamente poderiam ser aprofundados por meio de um análise das diferenças de comportamento dos governos e do impacto que as mesmas podem gerar em termos de avanços tecnológicos.

O livro de Deborah Spar deve ser lido por cientistas políticos, economistas e homens de negócios. A obra proporciona uma maior compreensão das forças que impulsionaram a fronteira tecnológica nos últimos cinco séculos. A autora apresenta evidência efetiva que os direitos de propriedade não são suficientes para garantir o sucesso de qualquer empreendimento. Coordenação e competição entre empresas, extensivamente descritas nos casos, também são importantes aspectos do processo. Finalmente, as interações entre governos e empresas são da mesma forma cruciais, uma vez que estabelecem padrões, regulam a competição e, frequentemente, por meio de empresas estatais ou outros arranjos, desenvolvem a fronteira tecnológica.

O debate sobre como a inovação tecnológica é iniciada e sustentada está longe de qualquer conclusão. Contudo, pode-se dizer que esse novo livro de Spar traz uma grande contribuição, merecendo ser considerado por todos os envolvidos no desenvolvimento de velhas e novas tecnologias.

A MULHER, O FEMININO E AS ORGANIZAÇÕES

Quando se pensa em bibliografia indicada sobre mulher e feminino em uma revista de Administração de Empresas, a primeira idéia que ocorre é que a abordagem seja sobre mulher, trabalho e organizações no sentido mais estrito do tema. Porém, Maria Irene Betiol, professora do departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da FGV-EAESP, opta por suges-

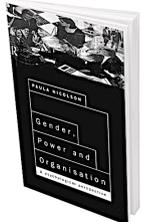
tões que contemplem também outros olhares sobre a temática: aquele da Psicanálise, da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia e da Política. Abordagens que possibilitam uma análise crítica do longo processo de inserção da mulher na sociedade ocidental em busca da cidadania e da construção de si mesma como sujeito na história.



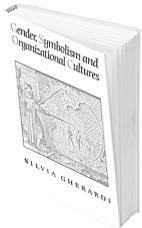
- **MULHER E MITO** Georges Devereux. Campinas : Papyrus Editora, 1990. 328 p.
O autor, etnólogo e psicanalista, aborda a questão feminina e as relações entre os sexos por meio da análise da mitologia grega, suas deusas e heroínas e as interpretações da Psicologia e da Psicanálise. Para Devereux, “o valor igual de homens e mulheres está no fato de que, em uma espécie *sexuada*, o homem pressupõe a mulher como a mulher pressupõe o homem. Sua *diversidade* garante o sentido de cada um dos dois e prova a igualdade de seu valor”. Livro para quem aprecia mitologia e psicanálise.



- **DESLOCAMENTOS DO FEMININO – a mulher freudiana na passagem para a modernidade** Maria Rita Kehl. Rio de Janeiro : Imago, 1998. 345 p.
O feminino e a Psicanálise são o foco deste livro. A autora, psicanalista, aborda, como diz o próprio título de seu trabalho, os deslocamentos que a mulher, na modernidade, faz ao longo da vida para deixar de ser, tão somente objeto de desejo do outro para ser, também, sujeito desejante e sujeito de um discurso que lhe é próprio, tornando-se o ser de linguagem e cultura de que fala a Psicanálise. A proposta da autora é, pois, em suas palavras, “examinar e contribuir para ampliar o campo a partir do qual as mulheres se constituem como sujeitos.”



- **GENDER, POWER AND ORGANISATION – a psychological perspective** Paula Nicolson. London and New York : Routledge, 1996. 174 p.
A autora examina as formas pelas quais a estrutura patriarcal interfere na vida cotidiana da mulher e em seu progresso na carreira profissional e os impactos psicológicos desta estrutura na construção da própria subjetividade, na auto-estima e na identidade de gênero, bem como suas implicações na saúde física e emocional da mulher. Discute o papel do feminismo para a compreensão da vida organizacional e a elaboração de estratégias de apoio recíproco diante das dificuldades que as mulheres enfrentam na carreira profissional.



- **GENDER, SYMBOLISM AND ORGANIZATIONAL CULTURES** Silvia Gherardi. London, Thousand Oaks, New Delhi : SAGE Publications, 1995. 202 p.
A autora, socióloga italiana, coloca sua própria experiência cotidiana e suas pesquisas para ilustrar a temática. Trabalha com o pressuposto de que um discurso sobre gênero é sempre um discurso político e que as culturas organizacionais diferem conforme o simbolismo de gênero adotado. Argumenta que a desigualdade de gênero está tornando-se embaraçosa em sociedades ditas democráticas e propõe formas mais criativas nas relações de gênero através da pluralidade de vozes. Livro extremamente instigante para quem se interessa pela questão de gênero nas organizações.



- **ORGANIZATIONAL CHANGE & GENDER EQUITY – international perspectives on fathers and mothers at the workplace** Linda L. Haas, Philip Hwang, Graeme Russell Editors. London, Thousand Oaks, New Delhi : SAGE Publications, 2000. 291 p.
Esta coletânea de artigos aborda três grandes temas em diferentes países de três continentes. O primeiro tema trata da questão do trabalho e da vida familiar e os possíveis arranjos do casal frente à dupla demanda; o segundo diz respeito às diferentes políticas organizacionais face à dupla demanda; e o último tema trata de mudança organizacional e equidade de gênero. O livro avança no sentido de integrar esferas sociais tradicionalmente vistas como excluídas. O ingresso da mulher no mercado de trabalho tem levado a sociedade e as organizações a repensarem novas formas de arranjos sociais.

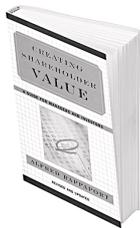
Tema de interesse para o campo da Administração, estudos internacionais e políticas de gênero.

CRIAÇÃO DE VALOR AO ACIONISTA

Criação de Valor ao Acionista é um tema atual que vem sendo divulgado na literatura pela área financeira. Entretanto sua abrangência é ampla atingindo a estratégia, missão e valores da empresa como é possível observar na lista que se segue elaborada pelo Professor Oscar Malvessi, consultor e professor adjunto do departamento de Contabilidade, Finanças e Controle da FGV-EAESP.

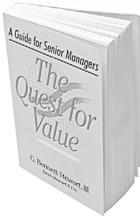
As metodologias com foco na Criação de Valor ao Acionista

se diferenciam das demais técnicas de administração, porque habilitam dirigentes e gestores a utilizar, de maneira mais eficiente, os recursos humanos e financeiros disponíveis em seus negócios. Os instrumentos propiciam respostas com alternativas tangíveis, rápidas e claras, demonstrando os caminhos para obter retorno econômico nos investimentos, criando valor ao acionista e demais colaboradores do negócio.



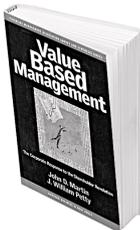
● **CREATING SHAREHOLDER VALUE: A guide for managers and investors** Alfred Rappaport. New York The Free Press, 1998 – revised and updated. 205 p.

Rappaport é um dos pioneiros na apresentação metodológica do conceito de Criação de Valor ao Acionista. Utiliza os conceitos do Lucro Econômico e de fluxo de caixa descontado como instrumentos de avaliação da administração e evolução da performance das empresas. Põe em evidência as deficiências que os conceitos tradicionais de análise apresentam e as diferenças e benefícios proporcionados pelo uso da metodologia de Criação de Valor no estabelecimento de estratégias empresariais e remuneração aos gestores.



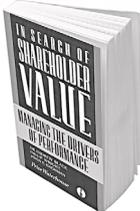
● **THE QUEST FOR VALUE - A guide for senior managers** G. Bennett Stewart, III. Harper Business, New York, NY – 1991 - 781 p.

Neste livro, Stewart introduziu a metodologia do EVA, – Economic Value Added. Desenvolve os conceitos demonstrando as vantagens da utilização da abordagem com foco na Criação de Valor ao Acionista - EVA, para a correta análise do desempenho econômico-financeiro da empresa, quando comparados com os conceitos tradicionais de análise. Demonstra a utilização da metodologia com a aplicação das fórmulas tomando empresas como exemplos. Defende o uso do EVA, para o estabelecimento da remuneração variável e apresenta instrumentos a ser utilizados na definição dos incentivos aos gestores que criem valor ao acionista.



● **VALUE BASED MANAGEMENT. The Corporate Response to the Shareholder Revolution** John D. Martin e J. William Petty – Harvard Business School Press, Boston - 2000 - 249 p.

Martin e Petty apresentam os conceitos e instrumentos para a utilização do VBM, metodologia que tem a finalidade de direcionar a administração da empresa para a criação de valor ao acionista. Demonstram que as principais metodologias que defendem a criação de valor ao acionista, utilizam entre outros conceitos, o tradicional método do fluxo de caixa descontado, para avaliar novas oportunidades de investimentos. Apresenta as vantagens e desvantagens com o uso dos métodos e a contribuição para a criação de valor, como também faz a conexão com o sistema de remuneração variável aos gestores.



● **IN SEARCH OF SHAREHOLDER VALUE. Managing the drivers of performance** Andrew Black, Philip Wright e John E. Bachman – Pitman Publishing, London 1998 – 292 p.

Os autores descrevem os conceitos da metodologia de criação de valor, usando os direcionadores de valor das atividades como indicadores chaves de medidas, bem como os instrumentos ao qual a criação de valor pode ser mensurada. Apresentam os conceitos para a determinação do custo médio ponderado de capital e demonstram as aplicações da criação de valor em vários setores e países.



● **THE VALUE IMPERATIVE. Managing for Superior Shareholder Returns** James M. McTaggart, Peter W. Kontes e Michael C. Mankins – The Free Press, New York, N.Y. 1994 – 366 p.

Os autores defendem que a administração de valor deve ser direcionada ao objetivo estratégico da empresa para se obter, consistentemente, a criação de valor ao acionista. Demonstram a amplitude conceitual do tema e a necessidade de entender e aplicar os direcionadores de valor nas atividades da empresa e/ou unidades de negócio. Enfatizam o uso da estratégia como instrumento de administração para melhorar a performance da empresa que tem como objetivo a criação de valor ao acionista.